**JAN HUS: UM EDUCADOR E SEU LEGADO 600 ANOS DEPOIS**

**Jan Hus: an educator and his legacy 600 years after his death**

Thiago Borges de Aguiar[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

Este artigo traz uma síntese do trabalho do autor na investigação do caráter educativo das ações e ideias de Jan Hus, clérigo tcheco que foi morto em 6 de julho de 1415. Parte-se de uma problematização dos lugares atribuídos a esse clérigo na História da Educação para questioná-los a partir da categoria educador “menor”. Reflete-se a respeito da preservação da memória a partir da categoria legado. Discute-se, por fim, as temporalidades presentes na documentação primária utilizada na pesquisa. A questão de fundo do artigo é a celebração da efeméride de seiscentos anos da morte de Hus.

**Palavras-chave**: Jan Hus. Educadores Medievais. Efeméride. Temporalidades.

**ABSTRACT**

This paper offers a synthesis of the author’s research on the educative features of Jan Hus’ actions and ideas. Hus was a Czech priest who was killed in July 6th, 1415. It begins discussing Hus’ places in History of Education by questioning them from the perspective of the ‘minor’ educator category. It reflects on the preservation of memory by means of the category legacy. Lastly, it discusses temporalities present in the primary sources used in the research. The background of the paper is the sixth hundredth anniversary of Hus’ death.

**Keywords**: Jan Hus. Medieval Educators. Anniversary. Temporalities.

Em 6 de julho de 2015, celebram-se seiscentos anos da morte de Jan Hus. Esse clérigo e educador do século XV foi morto na fogueira do Concílio de Constança acusado de ser um heresiarca. Mas efemérides só fazem sentido se entrarem no contexto da memória coletiva que a festeja. Há pessoas que precisam marcar a data e outras que precisam querer conservá-la.

A pergunta com a qual iniciamos este texto é: por que lembrar Hus neste momento e aqui no Brasil? Nossa resposta passa justamente pela problematização da construção de uma memória. Exceto nos espaços protestantes que trabalham com a história do Cristianismo e em meio acadêmico especializado, Hus é um nome desconhecido em nosso país.

Mas este texto não se presta a uma reconstrução laudatória de uma figura que “merece ser lembrada”. Entendemos que o trabalho da História não deve se pautar exclusivamente no suposto mérito que possui um sujeito, mas deve justamente provocar uma reflexão sobre como ela vem sendo usada para manter nomes em determinados lugares e apagar outros tantos.

É nesse sentido que estamos há alguns anos trabalhando na pesquisa do caráter educativo das ações de Jan Hus, inserindo-o no contexto de uma História da Educação em terras tchecas, como modo de compreender as construções históricas em torno de sujeitos educadores, fontes documentais e temporalidades. Nesse sentido, a efeméride é mais um pretexto para continuarmos a refletir a respeito de sujeitos, lugares e tempos de leitura. Também é pretexto para discutirmos o legado como construção da memória, levando-o para a História da Educação.

Para tal, vamos iniciar com uma discussão a respeito de Jan Hus e de seu lugar na História da Educação. Seguiremos com uma reflexão sobre as categorias *educador* “*menor*” e *legado*, discutindo-as em função da memória como espaço de construção coletiva e algumas repercussões da memória de Hus no Brasil. Essa reflexão se constrói em função das temporalidades presentes no trabalho do historiador. Por fim, concluiremos com a reflexão sobre a efeméride celebrada como mote para pensarmos a escrita de uma história de sujeitos educadores.

**JAN HUS E SEU LUGAR NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Hus é um nome famoso na história do Cristianismo, em especial entre os protestantes. De seu nascimento, há dúvidas com relação à data, mas estima-se por volta de 1369. Ele vem de uma vila chamada Huscinec (daí a origem de seu nome), próxima a Praga, na região da Boêmia. Em 1401 é ordenado clérigo e em 1402 assume o comando da capela de Belém, na capital da Boêmia. Segue simultaneamente sua carreira eclesiástica com sua atuação na Universidade Carlos, primeira universidade nacional da Europa e que já estava funcionando há cerca de 50 anos. Em menos de uma década, Hus torna-se reitor da Universidade, após um movimento de nacionalização da instituição, e sua capela já reúne pessoas pertencentes a lugares sociais diferentes.[[2]](#footnote-2)

Em 1409, ele é uma das figuras centrais de um movimento de reforma na Igreja, que passa por questionar a opulência do clero, a obediência à hierarquia eclesiástica e o ritual da eucaristia. Nesse último, a principal bandeira do movimento do qual Hus participa é a comunhão sob duas espécies para todos, o que implicava no oferecimento do cálice aos leigos. É por isso que o cálice surge como símbolo utilizado pelos membros do movimento.

Em 1412, em virtude de um conflito com o Arcebispo de Praga de nome Zbyněk, Hus é excomungado e obrigado a deixar a cidade e sua capela, escondendo-se em castelos de nobres que lhe apoiavam no interior da Boêmia. Entre esse ano e 1414, ele permanece no exílio até o mês de novembro, quando viaja para Constança, local onde ocorreria um Concílio Geral. Poucos dias depois de chegar a essa cidade alemã, ele é preso e permanece nessa condição até ser condenado e morto na fogueira em 6 de julho de 1415.

A lista de acusações que o levaram à morte é grande, mas, para este momento, é mais relevante entender que o Concílio de Constança reuniu-se para resolver o Cisma Papal. Naquele momento, havia três papas simultâneos, cada um afirmando-se o único verdadeiro e excomungando os outros dois. A posição teológica daquela reunião de cardeais era conciliarista, ou seja, em algumas determinadas condições, o concílio estava acima do papa e, no caso do Cisma, havia as condições necessárias para isso. Hus também defendia uma posição conciliarista, mas estava em um lugar diferente em virtude de ser um tcheco, de ter escrito um tratado contrário ao papa, por ter defendido posições de John Wyclif e por assumir uma postura de não obediência à Cúria Romana e à hierarquia eclesiástica. Já desenvolvemos essa questão em outra oportunidade (AGUIAR, 2015a).

O que queremos, contudo, aqui destacar é o lugar que Hus possui na História da Educação. Discutir esse lugar significa tratar de três aspectos. O primeiro deles é lembrarmos que, quando falamos de História da Educação, estamos falando de uma área do conhecimento da pesquisa acadêmica, de um campo, no sentido de Bourdieu, com seus lugares de poder e disputas. Após olharmos para o campo, a partir das produções que nele circulam, não encontramos, salvo melhor juízo, nenhum material que trate de Hus dentro da História da Educação no Brasil.[[3]](#footnote-3) Mesmo no exterior, pelo menos em língua inglesa, não encontramos, até o momento, algum texto no qual ele esteja inserido especificamente no campo da História da Educação.

Se ampliarmos a pesquisa para o campo da História (sem qualquer qualificativo) encontraremos uma produção mais robusta em língua inglesa e pouquíssima coisa no Brasil. Mas isso não é exclusividade de Jan Hus. São inúmeros os nomes desconhecidos ou pouco conhecidos. Nesse sentido, tratar do lugar de Hus na História da Educação é problematizar o modo como esses sujeitos pouco conhecidos são nele tratados. Discutiremos isso mais adiante.

O segundo aspecto desse lugar é o que trata da presença de Hus nos manuais de História da Educação Geral. Como livros-síntese, em especial utilizados em nossos cursos de formação de professores, esses manuais direcionam o modo como futuros professores entenderão a história da sua profissão. É claro que eles terão, igualmente, impacto na pesquisa da área, seja como texto básico para contextos mais gerais de determinadas pesquisas, seja como primeiro material eventualmente lido pelos pesquisadores quando estavam no início de sua formação. No entanto, são poucos os manuais escritos mais recentemente e a distância, muitas vezes presente nos espaços de formação de professores, entre pesquisa e ensino, pode fazer com que muitos professores não consigam ir muito além do que trazem esses manuais. É o que pensamos em diálogo com o texto de Nunes (2006, p. 178):

Temos tido dificuldade em renovar nossas bibliografias no campo do ensino, em parte pelo processo que construiu a separação entre ensino e pesquisa. Raro o professor de História da Educação que não teve aquela sensação de que há demasiada história para ser ensinada e aprendida. Permanece no ar questões que não nos abandonam: o que precisamos ensinar? O que queremos conhecer do passado? Por quê? Que diferença faria se não o conhecêssemos? O que a escola ensina e, sobretudo, a História da Educação, é uma parte bem restrita do que constitui a experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade humana, até porque há muita coisa que se rejeita, se esquece ou se abandona dos aspectos culturais e não se trata apenas de um abandono do passado, mas também de aspectos presentes na atualidade no interior da sociedade.

Quando olhamos para os manuais que circulam no Brasil, todos traduzidos de versões publicadas na Europa ou nos Estados Unidos, encontramos uma reduzida presença de Jan Hus. Ele não foi amplamente citado nesses diversos manuais. Já fizemos um levantamento em várias dessas obras (AGUIAR, 2012, p. 385 e seguintes) e a única referência significativa que encontramos a Hus foi na obra de Manacorda (2010) que menciona a cartilha de Hus (sobre a qual comentaremos logo abaixo).

Por fim, e em consequência dos dois aspectos anteriormente apontados, discutir o lugar de Hus na História da Educação é assumir uma postura propositiva à área. A partir do momento que realizamos uma investigação a respeito de um sujeito educador, estamos propondo uma revisão do modo como ele é retratado nos manuais e nas pesquisas subsequentes. Nesse sentido, cabe apontar os motivos que nos fazem afirmar porque Hus foi um educador.

Comecemos pela retomada do aspecto levantado por Manacorda para referir-se ao reformador tcheco: o ABC de Hus. Na primeira década do século XV, por volta de 1405, foi escrito um tratado de reforma da ortografia tcheca (*De ortographia bohemica*), texto em latim, que seguia acompanhado de um abecedário. Cagliari (1998, p. 20) refere-se a esse abecedário como a primeira cartilha europeia. Instrumento que servia à alfabetização, essa cartilha era composta por um alfabeto com uma palavra escrita abaixo de cada letra, correspondente à sua letra inicial. Outras palavras foram adicionadas para explicar o sentido do texto completo daquela cartilha, que trazia frases de cunho religioso, com referência à onipotência de Deus, a seu julgamento dos atos humanos, ao Cristo como redentor e salvador. O formato do texto é semelhante ao que apareceria, nos séculos seguintes, nos *horn-book* (ver HILSDORF, 2012, p. 175) e a de cartilhas espanholas publicadas no século XVI (ver INFANTES, 1998), apesar de essas últimas serem maiores e conter mais textos.

Essa cartilha aparece em diferentes coleções de obras de Hus, o que nos sugere que ela teve alguma circulação entre os tchecos naquele século. A já mencionada relação entre os Hussitas e a instrução (ŠMAHEL, 1996, além do próprio MANACORDA, 2010) confere força à hipótese de que mesmo que essa cartilha não circulasse com grande frequência, pelo menos práticas de alfabetização semelhantes podem ser creditadas a eles. Isso porque, se olhamos para o *De ortographia bohemica*, percebemos que as modificações que Hus realizou na escrita do tcheco (substituindo dígrafos por letras com sinais diacríticos ou representando vogais longas com um acento, por exemplo) favoreceu a uniformização e consequente desenvolvimento dessa língua em sua representação escrita. Isso, num período de grande florescimento cultural de caráter nacionalista, para o qual a língua era elemento de coesão social.

Além dessa atuação na reforma da língua tcheca escrita, lembremos o trabalho de Jan Hus como professor da Universidade de Praga (*Univerzita Karlova*). Após obter seu título de Mestre em Artes (1396), ele começou a lecionar na universidade. Com a vinda de livros de John Wyclif, trazidos por Jerônimo de Praga, Hus e outros professores defenderam as posições realistas desse pensador inglês. Isso pode ser comprovado ao sabermos que ele lecionou as Sentenças de Pedro Lombardo nos anos de 1407 a 1409 e defendeu um *quodlibet* em 1411 com uma tese tipicamente realista a respeito do Ser Primeiro e o universo (SPINKA, 1968, p. 57, 120). Ele escreveu diversos tratados teológicos nesses anos nos quais foi professor da universidade.

Os embates teológicos e políticos que as leituras de professores tchecos dos textos de Wyclif causaram com os professores alemães, defensores de leituras mais nominalistas, provocaram conflitos nos quais Hus foi um dos principais protagonistas. Em carta de cerca de 1404, ele escreve a um professor alemão, Johannes Hübner, defendendo-se das acusações que este fizera contra ele, de que era um herege porque escrevia heresias. Hus sustenta que escrever a respeito de heresias não faz de alguém um herege, que o professor alemão estava usando de circunlóquios e não de argumentos consistentes para sustentar sua posição. Ele afirma que aqueles que estão defendendo os livros de Wyclif são pessoas santas e já levanta dúvidas a respeito da obediência cega ao papa, questão que será uma das mais importantes nos últimos escritos de Hus. (SPINKA (ed.), 1972, p. 3 e seguintes).

Em 1409, esse conflito entre professores tchecos e alemães da *Univerzita Karlova* torna-se mais severo em função das condições políticas instaladas no reino da Boêmia. O rei Wenceslau IV (*Václav IV*) estava enfraquecido e buscava maneiras de sustentar seu poder. No âmbito do Sacro Império, ele tentou construir seu prestígio apoiando a realização do Concílio de Pisa, com vistas a resolver o Cisma Papal pela eleição de um novo pontífice. No âmbito de seu reino, aproveitou a oportunidade trazida pelos professores tchecos de intervir na universidade fundada por seu pai. Por meio do decreto de Kutná Hora, ele tornou o voto da nação tcheca mais relevante, fazendo-o valer em dobro, o que causaria a redução do poder das nações alemãs na administração da universidade. Na verdade, foram os professores tchecos que aproveitaram do apoio político que o rei precisava manter para obterem mais poder na Universidade. A consequência mais marcante desse decreto foi a saída dos professores alemães, que foram para Viena e Leipzig, e, no caso de Hus, sua subida ao cargo de reitor (OBERG, 1971; AGUIAR; SILVA, no prelo).

Embora nunca tenha obtido seu Doutorado em Teologia, provavelmente pela crescente oposição às suas compreensões religiosas, inclusive de professores tchecos, sua relação com a universidade manteve-se relevante até sua morte. É o que vemos quando encontramos uma carta escrita em 27 de junho de 1415 aos membros da *Univerzita Karlova*, na qual defende a união da “nossa nação”, a despeito dos tchecos que se voltaram contra ele. Como se trata de uma carta de despedida, Hus sustenta a defesa da verdade, reafirma sua posição de não se retratar diante do Concílio e indica dois nomes para seu lugar: Havlík como responsável pela capela de Belém e Petr de Mladoňovice para a Universidade. (SPINKA (ed.), 1972, p. 198-199)

Discípulos como Havlík e Petr de Mladoňovice eram comuns no entorno de Hus. Vários deles moravam em aposentos na capela de Belém, onde funcionava um pensionato para estudantes da universidade. Há menções a um forte vínculo entre Hus e os estudantes que lá moravam, apontando para mais uma característica de sua ação educativa: a formação de discípulos, pessoas que seguiriam sua carreira religiosa e intelectual. Petr de Mladoňovice, por exemplo, era estudante da universidade quando seguiu com a comitiva que acompanhava o educador tcheco em Constança (SPINKA, 1969, P. 73). Este, além de ser aluno na universidade, foi o secretário responsável por registrar a viagem e os acontecimentos na passagem daquele pelo Concílio. É de Petr o relato da prisão e da morte de Hus que hoje dispomos.

Há outros discípulos mencionados nas cartas hussitas, como Martin de Volyně, que merece destaque por ser aquele que recebeu a carta testamento de Hus quando este estava a caminho da viagem. Nessa carta, o educador tcheco transmite seu legado de ensinamentos e os cuidados de sua herança material. O ensino da verdade é o motivo de fundo da carta e cujo aprendizado Martin deve utilizar e seguir na vida (AGUIAR, 2012, p. 214 e seguintes). O que Martin representa individualmente na análise da correspondência hussita, o discípulo que recebe o legado educativo de Hus, pode ser visto em outras cartas que denominamos pastorais.

Hus escreveu diversas cartas para serem lidas na capela de Belém em função de sua ausência no período do exílio e, posteriormente, da prisão em Constança. Ele continuava seu trabalho pastoral a distância, escrevendo para continuar a educar, exortando os tchecos a permanecerem firmes na verdade e interpretando os acontecimentos ao seu redor. Ele educava pelas cartas porque não podia estar presente, mas se sentia impelido a continuar a educar (AGUIAR, 2012, p. 135 e seguintes).

Por sua reforma da ortografia tcheca e incentivo à alfabetização, por sua atuação como professor na Universidade de Praga, pela formação de discípulos e pelo uso das cartas como instrumento educativo, vislumbramos a possibilidade do uso da palavra “educador” para nos referirmos a Hus, a despeito da pequena quantidade de outros autores que afirmem o mesmo.

Essas conclusões são fruto das pesquisas que estamos realizando desde 2006. Além das conclusões ligadas ao lugar de Hus na História da Educação, essas pesquisas têm nos trazido questões de caráter metodológico. É o que desenvolveremos na sequência.

**UM EDUCADOR “MENOR” E SUA LEMBRANÇA**

Há alguns anos estamos trabalhando com a categoria educador “menor”, para nos referirmos a Jan Hus e para diversos outros sujeitos que investigamos.[[4]](#footnote-4) Sob a lente dessa categoria, dirigimos nosso olhar para nomes pouco conhecidos e, consequentemente, pouco pesquisados na História da Educação. Utilizamos a palavra “menor” para estabelecermos um diálogo com a historiografia que atribui a determinados sujeitos o lugar de “grande educador”.[[5]](#footnote-5)

Lembremos da expressão utilizada por Jean Chateau para escrever sua História da Educação: *Os grandes pedagogistas* (1978). Apesar de constar de outros nomes na obra, sua leitura é guiada pela interpretação de um contexto histórico construído a partir de um “grande” nome. De certa forma, em oposição a essa leitura e seguindo uma linha apontada por Oliveira (2003, p. 67), em conformidade com o pensamento de autores que chamaram a atenção para a importância de estudar os sujeitos menores, seguimos procurando os sujeitos pouco mencionados na historiografia, mas que foram fundamentais para a produção desses grandes nomes.

Esses “pequenos” não são necessariamente de “qualidade” inferior ou de menor contribuição para a educação. Não é essa a questão que se impõe. A questão principal é o círculo vicioso em torno dos grandes nomes, para os quais há maior disponibilidade de fontes, maior procura por essas e pesquisas a seu respeito, o que gera maior quantidade de informações históricas, que despertam o interesse por ampliar as pesquisas sobre esses sujeitos.

É o que entendemos com a proposta de Carlo Ginzburg de retratar a figura de Domenico Scandella, o Menocchio, um moleiro que foi perseguido pela Inquisição do século XVI. Na conclusão de seu prefácio à obra que retrata essa figura “menor”, o autor dialoga com uma das teses sobre a história de Walter Benjamin e oferece uma “justificativa” sobre o porquê de retratarmos figuras como a daquele moleiro:

[...] Menocchio está inserido numa tênue, sinuosa, porém muito nítida linha de desenvolvimento que chega até nós: podemos dizer que Menocchio é nosso antepassado, mas é também um fragmento perdido, que nos alcançou por acaso, de um mundo obscuro, opaco, o qual só através de um gesto arbitrário podemos incorporar à nossa história. Essa cultura foi destruída. Respeitar o resíduo de indecifrabilidade que há nela e que resiste a qualquer análise não significa ceder ao fascínio idiota do exótico e do incompreensível. Significa apenas levar em consideração uma mutilação histórica da qual, em certo sentido, nós mesmos somos vítimas. “Nada do que aconteceu deve ser perdido para a história”, lembrava Walter Benjamin. Mas “só à humanidade redimida o passado pertence inteiramente”. Redimida, isto é, liberada. (GINZBURG, 1999, p. 26)

Se o acaso permitiu-nos chegar até a algum sujeito oculto pela opacidade de uma história contada a partir de apenas um ponto de vista, é nosso dever resgatar esses nomes dirigindo nossa lente de historiador (uma metáfora de Hilsdorf, conf. VIDAL; FARIA FILHO, 2005, p. 1) para entendermos melhor o que está por trás daquela obscuridade. Consiste em questionarmos determinadas generalizações que, apesar de necessárias para nossa escrita histórica, não devemos tomá-las como definitivas. É nesse sentido que o estudo de sujeitos “menores” permite-nos dar a ver coisas que somente pela interação entre o micro e o macro podemos observar.

Mas há também outro elemento que levamos em consideração com nossa pesquisa. A partir do momento em que Jan Hus é visto como um educador, podemos investigar de que maneira sua memória é guardada e reelaborada ao longo dos séculos posteriores. Utilizamos a ideia de “legado” para nos referirmos ao conteúdo transmitido e reelaborado dessa memória. O legado de Hus foi preservado pelos seus discípulos próximos e foi retransmitido por diferentes sujeitos ao longo dos séculos.

Nos séculos XIX e XX, foram diversas as biografias sobre Hus publicadas não apenas em tcheco, como também em inglês, francês e alemão. Queríamos, porém, encontrar biógrafos que tivessem, também, traduzido as cartas de Hus. Há, de certo modo, algum interesse ou motivação maiores em quem quis não apenas contar a história de um mestre e mártir, mas permitir o acesso de seus escritos ao público de seu tempo. Nossa hipótese era que a publicação das cartas seria um meio mais eficiente de divulgar a história de alguém que deva ser seguido como exemplo. Por isso, “perguntamos” aos seus tradutores o motivo de sua tradução, tentando, assim, reconstruir a imagem que eles ajudaram a internacionalizar.

Das quatro traduções das cartas de Hus que conhecemos, sem considerar as edições tchecas que eventualmente oferecem tradução para o tcheco das cartas latinas e adaptação ortográfica da escrita do século XV, tivemos acesso a três: uma francesa, uma inglesa e outra norte-americana, publicadas respectivamente por Émile de Bonnechose (1846), Workman e Pope (1904) e Matthew Spinka (1972), essa última que estamos utilizando como referência neste artigo e que, portanto, aparece nas referências. Lembremos, também, que Martinho Lutero foi o primeiro a publicar as cartas de Hus, em 1537. Cada um deles, ao editar e traduzir essas cartas, ajudou a construir uma imagem de Hus. Como dissemos em outra oportunidade,

Para Lutero, Hus foi o exemplo de um verdadeiro cristão. Bonnechose o considerou o defensor da liberdade de consciência. Para Workman e Pope, ele foi o precursor da Reforma Protestante. Já Spinka o colocou no lugar de ligação entre o pensamento medieval e a Reforma. Partindo dos mesmos documentos, essencialmente o *Relatio* de Mladoňovice e as cartas de Hus, eles reforçaram o mesmo legado, porém com variações de ênfase. (AGUIAR, 2012, p. 301)

Cada nova publicação das cartas de Hus é uma nova leitura, acrescentando interpretações e propondo mudanças na compreensão dessa correspondência. Porém, cada nova publicação é, também, uma rememoração das imagens que historicamente recebemos. É nesse movimento contínuo de rememoração/interpretação que ocorre a transmissão e a propagação do legado educativo:

Reconstruir um legado passado é restabelecer uma proposta de ação futura. Nesse sentido, ele é educativo ao colocar o discípulo no lugar de mestre, reafirmando a verdade a ser ensinada. Quando transmitimos um legado nós o estamos propondo como ação para nossos interlocutores (ou leitores). Quando Bonnechose, por exemplo, afirma que Hus é um defensor da liberdade de consciência, ele reconhece o legado educativo hussita e tem a intenção de divulgá-lo para que mais pessoas lutem pela liberdade de consciência. Bonnechose, discípulo, torna-se educador. (AGUIAR, 2012, p. 302)

Jan Hus não foi morto na fogueira do Concílio de Constança. O calor dessa fogueira foi utilizado por sujeitos que resgataram sua história para fundir sua memória. Uma memória que saiu dos entornos do povo tcheco para atingir seus antagonistas mais próximos, os alemães, e destes seguir para falantes de francês e inglês. Foi o resgate da história do protestantismo e de suas justificativas temporais o combustível dessa forja de internacionalização. E esse resgate chegou até o Brasil.

Como um exercício para pensar a abrangência do legado hussita, especialmente pelo fato de realizarmos esta pesquisa no Brasil, procuramos por exemplos de como Jan Hus apareceu neste país a partir de grupos protestantes. Para tanto, selecionamos dois textos dos mais significativos em termos de densidade e circulação que encontramos. O primeiro é uma obra escrita por um conhecido historiador e fundador da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Vicente Themudo Lessa, em 1919, sobre a vida de Jan Hus e de Jerônimo de Praga. O segundo é uma tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, em 1972, por um pastor adventista, também sobre Hus. São as publicações de maior número de páginas que encontramos escritas por brasileiros sobre o educador da Boêmia. E o fato de ambos estarem ligados a igrejas de origem protestante sustenta nossa hipótese de circulação da memória de Hus por esse meio.[[6]](#footnote-6)

A obra *Echos da Bohemia*, publicada pela Alliança Nacional Tchecoslovaca do Brasil, foi escrita pelo pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil Vicente Themudo Lessa. Bastante conhecido no meio protestante, bem como em institutos históricos do Brasil, Lessa escreveu diversas obras sobre personagens da Reforma e sobre a história da Igreja Presbiteriana, bem como personagens da História do Brasil. Sua obra mais famosa, *Annaes da 1ª Egreja Presbyteriana de São Paulo* (1863-1903), consiste numa reconstituição histórica que ainda hoje é utilizada como referência nas pesquisas sobre essa temática e período.

O livro de 51 páginas, com ilustrações, sobre Hus, com um adendo final a respeito de Jerônimo de Praga, foi escrito em 1919, enquanto suas obras mais famosas datam da década de 1930. O livro é prefaciado por um tcheco, Dr. Jan Vesely, que tece grandes elogios à figura do autor por sua atuação tanto no “magistério e na imprensa religiosa” quanto por seu “gosto pelos estudos históricos sobre a pátria amada” (LESSA, 1919, p. 3). Afirma que foi escolhido para prefaciar a obra em virtude de sua proximidade com o autor e por já ter lido a versão publicada anteriormente no jornal *O Estandarte*, órgão da referida igreja. Esse prefácio traz importantes informações sobre a época de sua publicação. Ele data sua escrita de 6 de julho de 1919, dia em que “pela primeira vez, que de novo se celebra o dia de M. Jan Hus numa Bohemia ressurgida, livre e independente”. E espera que essa publicação contribua para aproximar os corações de brasileiros e tchecos e “os corações de ambos os povos do amante coração daquelle, a quem Hus amou: Jesus Christo”.

São duas importantes referências ao motivo da publicação e seu caráter formativo. O texto é a republicação, em formato de livro e com o apoio de uma instituição tcheco-brasileira, da biografia de Hus antes publicada num jornal presbiteriano. Mas essa republicação ocorre no ano seguinte à da criação da Tchecoslováquia, como que em homenagem a esse importante evento político. Não obstante, a forma escolhida para divulgar esse evento é com uma biografia de um nome que serve tanto à história tcheca quanto à história do cristianismo protestante – religião professada por ambos, prefaciador e autor.

O autor faz poucas referências às fontes que utilizou para escrever sua narrativa biográfica. Suas referências são a Lenfault, Wylie, Leufant, Lechler, Helfert, Berger, Gillet, Bonechose, Fox e Palacky. Ele inicia com um contexto histórico, narrando em poucos parágrafos o início da Boêmia, com o estabelecimento dos Boios em 587, o surgimento das dinastias de Przémysl até a casa de Luxemburgo. Em seguida, mais alguns parágrafos sobre o surgimento do cristianismo na região, por meio dos missionários Cirilo e Metódio, até a fundação do arcebispado de Praga. Conclui a primeira parte com o surgimento de protestos contra o que chamou de “tirania de Roma”.

É então que o autor dedica-se à biografia de Hus, com destaque à sua atuação na Universidade de Praga e na capela de Belém. Ele dedica parte importante de seu relato à condenação e à cena da morte de Hus. A descrição dessa cena é uma síntese do relato de Petr de Mladoňovice, acrescido de um elemento adicionado pela tradição: que Hus havia dito, na fogueira, que eles queimavam um ganso, mas que em cem anos se ergueria um cisne que eles não poderiam abafar. É, então, que afirma o autor “O cisne de Wittenberg realizou a profecia do pregador de Belém” (LESSA, 1919, p. 33).

Associa, assim, Hus a Lutero e, não apenas isso, atribui a Hus um caráter de profeta, além do de mártir – palavra diversas vezes repetida no texto. Não deixa, porém, de valorizar o aspecto de líder nacional, símbolo de uma nação recém-liberta composta por católicos e protestantes:

Católicos e protestantes enaltecem hoje em dia na Bohemia o herói nacional. Seu nome tornou-se a bandeira de guerra de todos os oprimidos da nação tcheque. Agora, na emancipação dos povos, a pátria de João Hus reconquistará os seus dias de glória e mais do que nunca deverá ser consagrado o pregador de Belém entre os seus mais ilustres filhos. (LESSA, 1919, p. 34)

Outros exemplos poderíamos citar da obra, mas acreditamos que este é suficiente para caracterizar a imagem de Hus retratada no Echos da Bohemia: um símbolo ao mesmo tempo de mártir religioso e nacional, representativo de um “tempo de glória” que a Tchecoslováquia pode, a partir de então, resgatar.

A tese de Renato Emir Oberg sobre Hus, defendida na Universidade de São Paulo em 1972, é a única que encontramos sobre o clérigo da Boêmia realizada no Brasil. Ela foi produzida por um pesquisador e pastor adventista da década de setenta, que não deu continuidade àquela pesquisa após a defesa.

A tese de Oberg consiste num exercício de responder à pergunta “foi Jan Hus injustiçado”? Para responder a essa pergunta, o autor analisa documentos da época, biografias e interpretações históricas dos eventos do Concílio de Constança. Apesar da grande quantidade de referências bibliográficas, típicas de uma tese de doutorado, podemos ver uma tendência de sustentação de sua argumentação em quatro autores: o alemão Melchior Vischer, que publicou em 1940 (reeditada em 1955) uma biografia sobre o clérigo da Boêmia em Frankfurt; o monge beneditino Paul de Vooght, em suas quatro publicações em língua francesa de 1960 e 1972; Matthew Spinka e o Count of Lützow, com sua biografia de 1921. Poderíamos considerar sua tese como um estudo biográfico de Jan Hus, tendo por mote justificar que as acusações que o levaram à morte eram injustificadas, confrontando as afirmações dos acusadores com a reconstrução da história de vida de Hus e de seu contexto.

Sobre o clérigo da Boêmia, sustenta que ele era um ortodoxo católico, ao contrário de Wyclif e Lutero. Oberg (1973, p. 293) afirma:

Alguns o chamam de reformador, outros de pré-reformador, mas, que fez ele? Wiclif e Lutero desviaram-se do corpo de doutrinas da Igreja e este último serviu de instrumento para um cisma que nunca mais se desfez, e cuja anulação está hoje sendo novamente tentada pelo movimento ecumenista. Huss, porém, não se desviou de ponto algum tido como ortodoxo pela Igreja: cria em tudo o que ela ensinava.

Oberg esforça-se, portanto, ao longo do texto, para mostrar que Hus é quem defendia a ortodoxia católica, e se se afinava com as ideias de Wyclif, era apenas no que tange ao aspecto filosófico dessas ideias, não ao teológico:

Não levou muito tempo para ele se tornar um realista convicto, influenciado não só pelo fato de ser ele boêmio, e os boêmios eram quase todos realistas em oposição aos alemães que eram nominalistas, mas especialmente porque o mais estimado de seus mestres, Estanislau de Znojmo, era um dos expoentes do realismo na Universidade. [...] Hus, repetimos, se tornou um realista convicto, não se deixando confundir como aconteceu com seu professor alguns anos mais tarde. Soube sempre e sempre teve a coragem de explicar a harmonia entre suas convicções cristãs e as interpretações filosóficas correspondentes. (OBERG, 1973, p. 85-86)

Por fim, Hus foi, para Oberg, um injustiçado. Toda a parte IV, que representa cerca de um terço da tese, é dedicada a apresentar o modo como o julgamento foi preparado para que ele não tivesse defesa adequada, o esforço dos acusadores em fazê-lo cair em contradição e a condenação derradeira que parecia simplesmente repetir as acusações, apesar da defesa. Sua conclusão é de que algumas “forças” provocaram o “drama” de Hus:

A luta contra a imoralidade do clero, o problema tcheco-alemão na Universidade e no reino da Boêmia; a perda da coroa imperial por parte de Venceslau bem como os esforços que fazia para reavê-la; a questão da “neutralidade” [em relação aos papas] patrocinada pela Universidade de Paris e que dividiu a Universidade e o sacerdócio de Praga; o “odium philosophicum” entre nominalistas e realistas; o jogo duplo de Sigismundo feito com o propósito de obter maior fama e maior parcela de poder e, para completar o quadro, um Concílio onde havia doutores que usavam argumentos como o do olho (se Huss tivesse um olho só...), o da freira, e o do livro na cama do santo clérigo; de um Concílio que depôs solene e formalmente um papa, levou outro a abdicar e no momento em que obteve a adesão do rei Fernando de Aragão, não deu mais atenção ao terceiro; de um Concílio que dizia ter recebido sua autoridade diretamente de Deus e por isto era superior a tudo quanto havia na terra; de um Concílio cujos membros falavam dos governantes da Igreja de maneira mais acre que o próprio Huss mas não pensavam em se reformar a si mesmos, pensemos nestes problemas todos e teremos uma explicação facil [sic] para o nome comum de wiclifista que todos concordavam em atribuir àquele que tinha uma palavra de admoestação para qualquer deles. (OBERG, 1973, p. 299)

Essa síntese das forças que levaram o clérigo da Boêmia à condenação mostra que, apesar de Hus se declarar inocente, era inevitável a sua condenação. No entanto, Oberg não apenas construiu uma imagem de Hus como ortodoxo, realista e injustiçado. Em afirmações que faz ao longo do trabalho, o autor nos dá pistas de que ele próprio sustenta a imagem do mártir defensor da verdade. E isso vai se tornando mais claro nos capítulos finais e na conclusão. Vejamos alguns exemplos. Oberg cita, a partir de Paul de Vooght, uma tradição que afirma a passagem de um cometa pelos céus da Boêmia no dia em que Hus foi eleito reitor da capela de Belém. Em seguida, escreve:

Assim seria Huss, com a diferença que, enquanto o cometa atravessou os céus para depois desaparecer sem deixar rasto [sic], Huss deixaria o seu marcado indelevelmente nos anais da História: amigos e inimigos dele se ocuparam por muito tempo, ocupam-se ainda hoje, e dele se ocuparão enquanto houver interêsse pelos movimentos que alteraram os rumos da vida e do pensamento humanos. (OBERG, 1973, p. 105).

Em outro, quando comenta as tentativas que o Concílio promoveu para que Hus voltasse atrás, afirma: “[...] queriam que Huss semelhantemente se entregasse completamente ‘à graça do Concílio’, mas a consciência deste homem não permitia que assim o fizesse. Isso não cabia naquela alma sincera que cultivava este dom e andava sempre em busca da verdade” (OBERG, 1973, p. 274). Ou ainda, comentando a carta que Hus escreveu para a Universidade de Praga, número 93, exalta-o:

Admiravel [sic] homem este! está disposto a morrer pelo que julga ser a verdade, mas pede lhe mostrarem o erro ou erros que porventura existam em seus escritos, a fim de que possa abandoná-los. Não julgando isto suficiente, pede á [sic] sua Universidade que continue pesquisando para, caso descubra algum erro no que ele afirmou, abandoná-lo também. Ele não se atribuia [sic] a qualidade de supremo conhecedor da verdade, mas insiste com mestres, bacharéis e estudantes que se entreguem à imensa tarefa de buscá-la. (OBERG, 1973, p. 276)

Logo, a seguir, cita esta exaltação de Vischer: “sempre e sempre de novo pelo seu objetivo: Pela Verdade! Pela Verdade! Pela Verdade!” (OBERG, 1973, p. 277). Mais para o final, escreve: “Sua luta fora pela verdade e tinha a certeza de que ela um dia triunfaria” (OBERG, 1973, p. 293). E, para concluir sua tese, Renato Oberg faz três citações de Paul de Vooght, sendo que a última é: “Assim, desde o dia de sua morte, Huss é considerado como um mártir da religião cristã autêntica” (OBERG, 1973, p. 300).

No processo de desenvolvimento de nossa investigação, olhando para essas produções brasileiras, bem como para as edições das cartas de Hus, percebemos que a construção do conhecimento histórico se deu na constante reescrita das narrativas que surgiam pela leitura das fontes. O próprio processo de leitura tornou-se elemento significativo desse conhecimento construído. Três narrativas estiveram presentes, com três temporalidades diferentes.

A primeira era o modo como Hus escreveu suas cartas e as utilizou para educar. Ela consistiu num exercício de responder a uma série de perguntas que fizemos às cartas e ao clérigo da Boêmia, por exemplo: Por que o autor escreveu as cartas? O que motivou sua escrita? Que estratégias de escrita do autor permitem identificar sua relação com o destinatário, suas intenções, suas necessidades? Para quem elas eram escritas e por quem elas eram lidas? Por que e por quem essas cartas foram guardadas? O tempo de produção e recepção imediata das cartas dentro do contexto em que foram produzidas permitiu-nos narrar a história de um educador que escrevia para compensar sua ausência, preservar sua memória e transmitir seu legado para os que ficavam.

A segunda narrativa consistiu no modo como essas cartas foram utilizadas após a morte de seu autor. Perguntamos: As cartas foram apenas preservadas ou foram divulgadas? Elas foram editadas/traduzidas? Por quem e por quê? Quais as diferenças entre a cultura que produziu essas cartas e as culturas que as leram? Havia alguma intenção educativa na divulgação dessas cartas? Havia algum reconhecimento de mestria do autor vindo da parte daqueles que as publicaram? Que palavras dos editores das cartas permitem levantar questões sobre suas intenções ao publicar aquelas cartas? O tempo da circulação das cartas a partir da análise de suas (re)edições e dos compiladores/tradutores, além da observação de escritas biográficas a respeito de Hus permitiu-nos narrar a história de um legado que foi transmitido e rememorado ao longo de seis séculos.[[7]](#footnote-7)

A terceira narrativa foi a de nosso próprio percurso de pesquisa. Descrever o tratamento das fontes e retomar o lugar de Hus na História da Educação, propondo um novo lugar a partir das duas outras narrativas, fez com que nossa própria pesquisa fizesse parte do grupo dos rememoradores de Hus. O tempo da produção do historiador mostrou-se como um tempo de narração. Nesse sentido, também foi um ato produtor de memória. É o que nos traz de volta à efeméride.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DE UMA EFEMÉRIDE**

Se a *efeméride* é uma data de celebração de um evento ocorrido na mesma data em anos (ou décadas, séculos, milênios) anteriores, o que guarda o sentido de permanência, não podemos nos esquecer de que o *efêmero* é aquilo que é transitório, o que, etimologicamente, dura apenas um dia. A memória das datas pode durar apenas um dia, pois a memória é um exercício constante de esquecimento e rememoração.

Como narração, a efeméride é uma constante busca de sentidos para o passado, e se a história não é memória, ela não se furta às consequência memorialísticas que sua escrita promove. Quando escrevemos a história de um educador, estamos atuando na ressignificação da memória coletiva que o contém (ou que o esqueceu). Nossa pesquisa sobre Jan Hus iniciou-se há dez anos. Fazermos um apontamento diante desses 600 anos é, também, fazer um exercício de voltar para nossas pesquisas, reordenando-as em função dos exercícios de memória que elas provocam.

Entendemos que somente a pesquisa permite que avancemos em nosso conhecimento historiográfico a respeito de sujeitos “menores”, de modo a atribuirmos novos significados aos contextos históricos presentes nos grandes manuais e mesmo em nossas aulas de História da Educação. Quando olhamos para esses educadores “menores”, ampliamos nossa visão mesmo a respeito das grandes figuras que não aparecem mais tão “sozinhas” e “autônomas” quanto por vezes elas parecem.

Além disso, quando olhamos para o legado deixado por um educador, estamos vendo como os atos da memória presentificam a figura de um mestre do passado pelo reconhecimento de sua mestria, valorizando determinadas características do sujeito relembrado em função das necessidades do presente daqueles que olham para trás. Nesse ato, voltam a reconhecê-lo como educador.

Por fim, o historiador da educação, diante das fontes primárias, em nosso caso as cartas e do resgate dessas fontes por outros sujeitos ao longo dos anos, pode visualizar diferentes temporalidades presentes nas narrativas construídas. Não consegue, contudo, escapar de produzir narrativas que igualmente produzem memória. É nesse sentido que este texto não deixa de ser, apesar de seu caráter de produção acadêmica e não laudatório, igualmente uma celebração da efeméride a qual se refere.

**REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Thiago Borges de. *Jan Hus*: cartas de um educador e seu legado imortal. São Paulo: Editora Annablume, 2012.

AGUIAR, Thiago Borges de. *A eclesiologia conciliarista de Jan Hus e o Concílio de Constança*. Trabalho apresentado no XV Congreso Latinoamericano de Filosofía: Política y Discursividad del Medioevo al Período Colonial. Santiago, Chile: Facultad de Filosofía y Facultad de Teología Pontificia Universidad Católica de Chile, 2015a. Texto completo ainda não publicado.

AGUIAR, Thiago Borges de. ‘Minor’ educator before Comenius: Petr Chelčický’s pacifism. *Acta Scientiarum.Education*, v. 37, n. 1, p. 35-46, 2015b.

AGUIAR, Thiago Borges de; SILVA, Davi Costa da. Identidade nacional na Boêmia do século XV e a formação de uma *paideia* tcheca. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, no prelo.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1998.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *O aparecimento da escola moderna*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

INFANTES, Víctor. *De las primeras letras*: cartillas españolas para enseñar a leer de los siglos XV y XVI: preliminar y edición facsímil de 34 obras. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1998.

LESSA, Vicente Themudo. *Echos da Bohemia*. Rio de Janeiro: Alliança Nacional Tchecoslovaca do Brasil, 1919.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação*: da antiguidade aos nossos dias. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NUNES, Clarice. A disciplina História da Educação na formação de professores: desafios contemporâneos. *História da Educação*, Pelotas, n. 19, p. 173-180, abr. 2006.

OBERG, Renato Emir. Kutna Hora: influências morais e políticas no julgamento do mestre João Hus. *Revista de História*, São Paulo, n. 85, p. 33-47, mar. 1971.

OBERG, Renato Emir. *João Huss, um injustiçado*?. 1972. 2 vol. 400 p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História, 1973.

OLIVEIRA, Maria Izabel de Moraes. História intelectual e teoria política: confluências. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

ŠMAHEL, František. Literacy and heresy in Hussite Bohemia. In: BILLER, Peter; HUDSON, Anne. *Heresy and literacy*: 1000-1530. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SPINKA, Matthew. *John Hus*: a biography. Princetown, New Jersey, EUA: Princetown University Press, 1968.

SPINKA, Matthew (Ed.). *The letters of John Hus.* Manchester, USA: Manchester University Press, 1972.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da História*: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

1. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba. Esta pesquisa possui apoio do CNPq. [↑](#footnote-ref-1)
2. Para um maior aprofundamento da questão do nacionalismo nas terras tchecas nesse período, bem como do lugar da Universidade de Praga nesse processo, ver Aguiar e Silva (no prelo). [↑](#footnote-ref-2)
3. Estamos, nessa afirmação, excluindo a nossa própria pesquisa e outras decorrentes desta. [↑](#footnote-ref-3)
4. Fazemos referência a nosso artigo *‘Minor’ educator before Comenius: Petr Chelčický’s pacifism*, publicado em inglês na revista Acta Scientiarum.Education, 2015 (ver referências). Nesse texto, exploramos a categoria educador “menor” para lermos a figura de Petr Chelčický, um Hussita do século XV. As principais ideias aqui apresentadas sobre a categoria que utilizamos estão presentes naquele texto. [↑](#footnote-ref-4)
5. Essa categoria foi utilizada pela primeira vez pela professora Maria Lúcia Spedo Hilsdorf em uma disciplina proposta para o curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo. A disciplina, intitulada “História da Educação Moderna e Contemporânea: os Pedagogos ‘Menores’”, propunha-se como um exercício metodológico de análise historiográfica do modo como os educadores são retratados na História da Educação. [↑](#footnote-ref-5)
6. Não ignoramos a existência de textos sobre Hus, traduzidos ou escritos no Brasil, ligados ao Espiritismo ou não vinculados, pelo menos aparentemente, a nenhuma confissão religiosa. Com relação ao primeiro, há uma via de circulação da memória hussita vinculada à defesa da verdade que se iniciou na França e chegou até o Brasil. Com relação ao segundo, há publicações de divulgação de figuras da história mundial bem como referências que se caracterizam pelo estabelecimento de ligações entre Hus e os movimentos comunistas. Ambos consistem em interessantes linhas de investigação que, contudo, nesse momento, fogem ao escopo deste artigo. [↑](#footnote-ref-6)
7. Considerando que aqui fizemos apenas breves apontamentos a respeito dessas duas narrativas, remetemos o leitor a nosso livro a respeito das cartas de Hus (ver referências). [↑](#footnote-ref-7)